

Combate efetivo: o maior desafio do Kung-Fu

Rodrigo Wolff Apolloni

Quantas vezes, no chão da academia, você não se sentiu frustrado por não poder aplicar aquela técnica tradicional treinada nos horários de aula e que, por conta dos riscos de lesão envolvidos, acabou riscada da prática do combate desportivo? Só de pensar que boa parte das técnicas do Kung-Fu tradicional – torções, batidas secas contra partes moles, golpes contra articulações e cavidades energéticas - envolve algum tipo de incapacitação temporária ou permanente, fica absolutamente clara a dificuldade a que estou me referindo: de que forma poderemos dar vida, em combate, ao Kung-Fu tradicional?



A pergunta não pretende desvalorizar as formas até o momento encontradas para o combate desportivo de Kung-Fu, o Wu-Shu e o Kuo-Shu. Elas mostram que os atletas de Kung-Fu querem lutar e que, via de regra, lutam bem. Ficam, porém, algumas perguntas: essas formas de combate refletem, de fato, o Kung-Fu tradicional transmitido pelos mestres? Por que, então, muitos atletas de Sanshou vão beber em fontes como Muai Thay, Tae Kwon Do e até do Jiu Jitsu? E por que em muitas academias é visível uma divisão entre “atletas de katy” e “atletas de luta”? Será que a prática de katys solo ou combinados resolve o desejo de combate? Há que se observar também que alguns mestres, especialmente os mais antigos e ortodoxos, desestimulam o combate simples de academia por temer que, em sua ignorância marcial, os alunos acabem se machucando pelo uso de golpes tradicionais.

A partir daí fica fácil chegar ao ponto da nossa discussão. Se a comunidade praticante de Kung-Fu não chegar a uma forma mais avançada de combate, mais completa, mais próxima da original, corremos o risco de converter todo esse arcabouço marcial em algo não muito distante de uma série de coreografias. Aliás, essa é uma das críticas normalmente feitas por pessoas que não conhecem a arte

– “Kung-Fu é uma dança sem qualquer utilidade prática”. Infelizmente, por trás dessa ignorância pode haver um pouco de verdade, muito mais quando fica claro que a divisão katu x combate desportivo tende a ser cada vez maior (o melhor exemplo disso é o termo “boxe chinês”, uma subdivisão relativamente recente do Kung-Fu que apenas mostra que o conhecimento marcial tradicional e o desejo de luta não estão se encontrando).

O que fazer? Antes de propor alternativas, é preciso abordar uma outra face da mesma questão. O que dizer do combate com armas? É evidente a impossibilidade, por exemplo, de um combate empregando armas como o Kuan Tao. Ou, então, de se imaginar praticantes de Kung-Fu saindo às ruas com facões e lanças a título de autodefesa. Impossibilidades lógicas à parte, é preciso chamar a atenção para o fato de que, se as técnicas que empregam armas não forem aplicadas efetivamente, elas tendem a desaparecer. A menos que o praticante seja um verdadeiro apaixonado por uma arma ou, então, que pratique suas técnicas por um “senso de responsabilidade histórica”, muitas vezes haverá de – como vemos em nossa experiência diária de academia – colocá-la em um canto obscuro da mente para dela se lembrar apenas em dias de demonstração ou de campeonato.

O exemplo do Kendô – No fundo, talvez a questão seja apenas um reflexo negativo do próprio modo de pensar clássico chinês, que encontra no Taoísmo uma fonte maravilhosa de crescimento e, também, de uma liberdade que se opõe ao pragmatismo. Pessoalmente, conheci mestres que, depois de décadas de prática, preferiram se dedicar mais ao riso e à contemplação do que à prática marcial mais aguerrida. Talvez este seja o verdadeiro caminho da sabedoria, mas não no caso de quem optou por trilhar todo o caminho. Há um ditado chinês que afirma que, “para conhecer o filhote do tigre, é preciso subir a montanha do tigre” – em nossos dias parece que o “filhote do tigre” pode ser comprado em loja.

Há que se considerar, também, que já não existem as condições históricas e sociais próprias para o florescimento da arte marcial – hoje, em um mundo apaixonado pelo conforto e amarrado pelos direitos civis, ela é cada vez mais

“arte” e menos “marcial”. Diante da impossibilidade de uma nova “Rebelião dos Boxers” (mesmo porque nas ruas de hoje o que prevalece são as armas de fogo e os corpos insensibilizados pelas drogas), fica a grande dúvida. Qual a resposta?

Um caminho talvez possa ser encontrado entre os mestres japoneses, que driblaram a História convertendo as artes marciais (Jutsu) em “caminhos” (Do). E que fizeram isso sem perder de vista a marcialidade. A melhor prova disso é o Kendô, que perpetuou a esgrima japonesa em uma prática desportiva que só difere da prática de combate tradicional por não implicar em morte ou ferimentos decorrentes do fio da espada.

E como os japoneses fizeram isso? Observando um sistema rígido de regras para a prática – o que já existe no Kung-Fu – e criando um aparato técnico que permitisse a prática mais próxima do real. Esse aparato atende pelo nome de Bogu - a armadura de combate desportivo que envolve protetores de cabeça (Men), peitoral (Do), genitais (Tare), mãos e antebraços (Cotê) – e de shinai – sabre de bambu flexível ou de material plástico. No caso de outra arte marcial japonesa, a do Naginata (tipo de alabarda que envolve um conjunto bastão x lâmina curta), esta mesma armadura inclui ainda um par de grevas, protetores de canela.

De que forma este exemplo poderia ser aplicado ao Kung-Fu de combate? Para as técnicas envolvendo as armas mais leves – como o bastão, por exemplo - seria possível, realmente, “importar” a armadura de Kendô. Para este tipo de combate – e, porque não, para os que envolvam facões e espadas – seria necessário, ainda, moldar armas flexíveis e utilizáveis no contexto desportivo. E, evidentemente, criar um sistema de regras de pontuação que permitissem determinar pontos para cada golpe aplicado.

“Super-armadura” - O mesmo princípio vale para o combate sem armas. Uma armadura para esta modalidade de luta (que difere das usadas hoje em Wu-Shu e Kuo-Shu) teria, porém, que vislumbrar todos os pontos críticos relacionados à arte marcial tradicional: teria que proteger os genitais, as principais articulações, os olhos e o nariz, a nuca, a coluna vertebral e até as axilas. A princípio, uma

armadura desta natureza implicaria em um comprometimento brutal dos movimentos, certo? Sem dúvida. Ainda assim, diante das novas tecnologias de materiais, vale até apostar em algumas possibilidades futuras, como a da produção de uma espécie de “exoesqueleto”, um tipo de macacão flexível e forte o suficiente para garantir proteção total.

Mas não sou especialista e não pretendo, aqui, comprometer a seriedade deste artigo fazendo exercícios de futurologia. A indústria teria, a longo prazo, condições de solucionar o problema? Com certeza. Essa solução depende, porém, da visão dos próprios professores de Kung-Fu, que, neste momento, devem atentar para o risco de “perda de foco” de sua arte marcial por conta da falta de conciliação entre as técnicas tradicionais e o combate real.

() – Rodrigo Wolff Apolloni (1970), é jornalista profissional, professor de Kung-Fu do estilo Shaolin do Norte em Curitiba e mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2004), com um estudo sobre a subcultura do Kung-Fu no Brasil.*

*(**) – Imagem: Postal alemão emitido na China, durante a Rebelião dos Boxers (1900).*

Você gostou deste artigo? Quer trocar idéias a respeito? Então envie um e-mail para tzu_chuang@hotmail.com ou visite <http://www.shaolincuritiba.com.br>

COMENTÁRIOS

Professor Bruno Sampaio (Shaolin do Norte, Ilhéus - Bahia)

É notável e entristecedor o fato de que as técnicas tradicionais estão desaparecendo com o passar dos anos, os nossos professores e os professores deles dominavam, com certeza, uma variedade melhor de técnicas antigas (principalmente no que diz respeito à sua aplicação). As técnicas de combate tradicionais estão se perdendo no tempo e nós, professores de kung fu, temos o dever de propagar a nossa arte marcial e imortalizá-la através de nossos alunos. A maneira mais viável que vejo para isso é, diante do panorama nacional da prática do esporte, o incentivo das lutas de semi-contato ou contato leve. É perceptível que grande parte dos praticantes dá maior relevância à luta de combate total, deixando de lado toda a plasticidade da arte e trocando a técnica

pela brutalidade, os alunos hoje, como em outras artes marciais, passam mais tempo diante de um saco de pancadas do que diante de um colega de treino.

Questão mais profunda se estabelece quando se deseja tratar da utilização de golpes traumáticos e não vejo, até o momento, maneira de resolvê-la com facilidade e baixo-custo, a idéia de usar proteções não é tão viável como parece, pois o kung fu foi desenvolvido para ser usado pelo atleta com vestimentas comuns, diferentemente de outros esportes como o kendô e o Tae Kwon Do.

Adaptar o kung fu a isso seria modificar a sua estrutura o que de maneira alguma ajudaria na sua preservação. Concluo repetindo que os professores e organizadores de campeonatos devem estimular o combate de semi-contato e uma maneira prática para isso é estabelecer uma quota de lutadores por modalidade para cada equipe que vier a participar dum campeonato, ex: para cada 10 lutadores de combate total, 5 lutadores de semi-contato. Inicialmente poderia vir a prejudicar academias e equipes que só visam o combate total, até mesmo como uma forma de ganhar dinheiro – o que , diga-se de passagem, eu abomino. – porém num futuro próximo nós (lutadores de kung fu) teríamos conseguido restabelecer o aumento do uso de técnicas avançadas e a técnica voltaria a prevalecer sobre a brutalidade (objetivo este, encontrado nas boas artes marciais que não se prestam apenas ao combate como jogo de apostas ou meio de ganhar dinheiro). Renovo votos de estima e consideração. Grato pela atenção.

Gabriel Merlin Andrade (aluno, Shaolin do Norte, Curitiba)

Meu nome é Gabriel Merlin, e pratico Kung-Fu na academia Senda. Eu estava lendo o artigo "Combate Efetivo" e concordo com tudo aquilo que o autor expõe. O Kung-Fu é uma arte marcial que contém tipos muito variados de técnicas como torções, ataques a pontos energéticos do oponente e etc... Porém, todas essas disciplinas desaparecem ou aparentam inutilidade pela simples ação de colocarmos luvas em nossas mãos (acredito que o pensamento deva ter passado pela cabeça de todos aqueles que já participaram de uma luta, mesmo uma

promovida durante um treino). A partir daí, vê-se pouca diferença entre um torneio de Kung-Fu e um "Vale-Tudo". Todas as artes marciais possuem torneios adaptados, até mesmo o Aikido, que não promove campeonatos, mas sim demonstrações e palestras, as tem adaptadas para seu próprio estilo. Por que o mesmo não ocorre no Kung-Fu? O motivo pelo qual alguns alunos desistem do Kung-Fu e vão treinar Muay Tai ou Jiu-Jitsu é por que eles não enxergam nenhuma diferença, e sinceramente, algumas vezes não parece haver nenhuma. Deveríamos promover um estilo diferente de torneio, onde pudéssemos demonstrar as técnicas que diferenciam o Kung-Fu de todas as outras artes marciais existentes. Como poderemos demonstrar torções e ataques a pontos vitais, técnicas contidas nos katys, utilização do ch'i e tudo mais, usando luvas que mal permitem que desviemos um golpe do adversário?

As mesmas perguntas se aplicam à utilização de armas. Aqueles que já presenciaram puderam perceber a beleza de um katy bem efetuado com o facão duplo, ou o bastão, a espada etc... Essa beleza só se encontra no Kung-Fu e não podemos mostrá-la por falta de recursos e de criatividade. Deveríamos, como dito no artigo, desenvolver algum tipo de proteção, muito semelhante à utilizada no Kendo, porém um pouco mais leve. Assim, além de podermos promover campeonatos utilizando armas, incentivaremos o treino dos praticantes com as mesmas. O termo "futurista", utilizado no artigo em relação à criação de uma espécie de armadura que poderia ser utilizada em torneios de armas é até exagerado, pois não é nada que não possa ser feito com facilidade, tendo em vista a tecnologia atual.

Acho que as idéias defendidas no artigo deveriam ser expostas ou até aplicadas, com a devida permissão dos órgãos encarregados (deve haver uma espécie de organização internacional que dita as regras de Kung-Fu, como no Karate, Aikido e todas as outras artes marciais, não é?), por algumas academias de peso como a Senda e muitas outras, a fim de deixarmos o mundo da teoria e pô-lo em prática. Obrigado pela sua atenção.

Professor Paulo Eduardo Narciso de Souza (Shaolin do Norte, Kung-Fu/San Shou)

O termo combate efetivo não representa o tipo de combate que está sendo discutido. A luta desportiva de Kung Fu, tanto de Wu-Shu quanto de Kuo-Shu, Muay Thai, Boxe Britânico, Full Contact, Judo, Jiu-jitsu, Karatê Kyokushin e Vale-Tudo, dentre outras modalidades, são modalidades de combate efetivo nas quais os lutadores aplicam golpes com toda a eficiência possível, sendo permitida a vitória por nocaute ou por submissão devido a lesão gerada pela aplicação da técnica.

Talvez o que se está procurando seja o combate real com as técnicas específicas de cada arte-marcial. Neste caso, deve-se diferenciar o esporte de combate da arte-marcial. Vários autores fazem esta distinção para justificar a prática de determinadas técnicas que podem gerar lesões mais graves nos adversários. As artes marciais são literalmente artes de guerra, foram desenvolvidas nos campos de batalha e a sua prática envolve o treinamento de combate com as mãos livres, bem como a utilização de armas - suas técnicas normalmente envolvem golpes contra regiões do corpo humano proibidas nos combates desportivos. Nas artes marciais, o objetivo não é manter a luta por muitos minutos, há necessidade de tirar o adversário do combate o mais rápido possível e com o menor consumo de energia, por este motivo vemos no Kung Fu ataques com a ponta dos dedos contra os olhos, golpes no pescoço desferidos com a lateral da mão, chutes contra os joelhos e região genital. Não se vê este tipo de objetivo nem de técnica nos esportes de combate como o Boxe, que nasceu como esporte dos nobres ingleses, ou na luta Olímpica, ou então na modalidade hoje chamada de Freestyle, que teve a sua origem nos jogos olímpicos da Grécia antiga, como na modalidade Greco-romana que foi criada no século XVIII ou XIX, para dar mais chances aos lutadores mais altos e magros, bem como o Tae Kwon Do que foi criado por uma comissão coordenada pelo Gen. Choy Jon Hee na década de 50 e que, apesar de ser calcado em técnicas artes-marciais mais antigas como o Hwarang-Do e Tae Kion, nasceu como esporte não visando ataques que geram lesões mais graves.

Mesmo o Muay Thai, que se utilizava de golpes com pontas de dedos e torções, lembrando um pouco o Kung-Fu, teve suas técnicas modificadas por volta dos anos 20 para se adaptar ao combate com luvas, apesar de manter a violência de certos golpes poder ser considerado como esporte de combate por não visar a lesão permanente do adversário.

Por que tantos praticantes de artes marciais buscam os esportes de combate? Para responder a esta pergunta somente posso me referir ao Kung-Fu (por tê-lo praticado). Sabe-se que as técnicas de combate das artes marciais chinesas apresentam grande eficiência, no entanto exigem treinamento especial, e boa parte deste treinamento se perdeu no tempo, de modo que se tem várias técnicas sem utilidade, pois os praticantes não têm a preparação devida para a sua aplicação. O outro motivo que leva tantos praticantes a procurar os esporte de combate é o desejo de utilizar suas técnicas de modo efetivo.

Do ponto de vista do praticante fundamentalista de arte marcial, o combate esportivo é um mal necessário. Há de se entender que o período histórico no qual vivemos não oferece lugar para a utilização de técnicas de guerra (ao menos não havia até pouco tempo) e havendo o desejo de testá-las ele terá de abrir mão de sua eficiência e poder de lesão para poder participar de torneios, que devem ser encarados como eventos nos quais encontram-se pessoas devidamente treinadas e que desejam testar suas técnicas. Ainda que não testem especificamente as técnicas de suas escolas, estarão testando sua coragem, disciplina, determinação, capacidade de reação em situações de extrema pressão, etc. Além de estarem muitas vezes lutado com pessoas cujas características são desconhecidas. Deste modo, aliado ao treinamento das técnicas tradicionais, se estará desenvolvendo sua arte marcial. Muitas vezes os praticantes de artes marciais falham na aplicação de suas técnicas quando se faz necessário (somente quando a sua integridade física ou de outra pessoa estiver verdadeiramente ameaçada) por não estarem preparados para enfrentar a pressão psicológica gerada pela situação, pois o conhecimento técnico eles têm. Mas não possuem a serenidade que a pratica filosófica (budista, taoísta, etc.) proporcionava aos antigos lutadores, mas

que a pratica da luta desportiva pode suprir nos nossos dias, desde que praticada com este objetivo.

Quanto à pratica de combate efetivo com aplicação de técnicas de guerra, não vejo saída. Pois para que este tipo de técnica funcione e um combate represente parte da realidade, há necessidade de lesar o adversário. Quantas foram as vezes que praticantes de artes marciais apenas fintaram um golpe contra regiões vitais, como os olhos, e por ter deixado de golpear foram golpeados violentamente em regiões menos suscetíveis a lesões? Sendo muitas vezes obrigados a se retirar do combate, quando em um combate efetivo teriam cegado o adversário e nada sofrido? O ponto principal é: as técnicas antigas somente terão eficiência se gerarem a lesão prevista e qualquer forma de combate que não permite este procedimento não poderá ser considerado combate efetivo com técnicas tradicionais. Ainda que se utilize equipamentos especiais, como joelheiras que permitam a absorção de golpes poderosos, o atacado ainda terá o seu joelho ileso após ter recebido o golpe, o que não condiz a verdade de um combate real, no qual estariam comprometidas a sua capacidade de movimentação e ataque, permitindo a sua rápida aniquilação.

Por fim, o combate desportivo não deve ser separado da pratica da arte-marcial, mas encarado como uma das muitas formas de treinamento. Havendo necessidade de adaptação por parte do artista marcial para esta prática. Bem como o praticante de formas terá a sua formação afetada se não experimentar o combate desportivo, também terá formação incompleta aquele que somente pratica o combate desportivo. O combate desportivo pode ser definido como o combate com equipamentos proteção e com regras, no qual aplicam-se golpes com toda a potência apenas em regiões não suscetíveis a lesões severas.

ECF (ex-praticante de Kung-Fu)

Adorei seu artigo sobre "Combate real: O maior desafio do Kung-fu", mas há uma série de outros problemas enfrentados dentro deste contexto e, principalmente, dentro do objetivo pelo qual algumas pessoas escolhem ser

professores de Kung-fu: meio de vida? Única opção? Auto-afirmação? Forma de ganhar dinheiro fácil? Ego? Hobby? Ou ser uma pessoa responsável que, além de estar fazendo o que realmente gosta, tem o objetivo claro de manter e preservar esta nobre arte marcial que existe há milhares de anos, que tem uma história, que representou muito para uma civilização e que representa – uma arte que, além de nos beneficiar fisicamente, beneficia-nos mentalmente e espiritualmente?

Talvez esta nobre arte que conquistou o Ocidente, que invadiu o coração de muitos, estivesse melhor se cultivada somente por pessoas responsáveis e preocupadas realmente com seu desenvolvimento e crescimento, não só com a arte marcial, mas também com os alunos que a praticam.

Sou um apaixonado e um desiludido pelo Kung-fu - durante aproximadamente 11 anos dediquei-me inteiramente à sua prática, vaguei por várias academias e instituições que ensinavam tal arte, conheci vários professores ou pessoas que se intitulavam como tal, mas não posso culpá-los e muito menos julgá-los por seus ensinamentos, que eu questionava, guardando, no entanto, tais questionamentos e, assim, deixando de expressar o que realmente sentia - por fim, preferia abandonar e trilhar outros caminhos, começar de novo incansavelmente, ao invés de entrar em atrito com os mesmos.

Perdi noites e dias treinando, estudando, dedicando-me de corpo e alma para o desenvolvimento desta nobre arte marcial. Muitas vezes encontrava-me perdido, sem respostas para o que via e o que tais professores ou vulgo mestres faziam. O comércio imperava na maioria das vezes - não que não fosse necessário, mas deveria ter um certo limite, ou deveríamos receber pelo que estávamos pagando.

Quando leio matérias como "Combate real: O maior desafio do Kung-fu", de uma pessoa realmente preocupada com o desenvolvimento e com a continuidade da essência da arte, me emociono, e fico a torcer para que nunca mude esta linha de pensamento. Fico realmente sensibilizado e vejo que sempre há uma esperança.

Hoje não treino, mas acompanho ao longe o desenvolvimento desta arte em nosso país através de revistas, internet. Mas em mim não há mais forças para tentar buscar um estilo de Kung-fu: pratico apenas na minha vida, no meu dia e em meu coração, afinal Kung-fu não se restringe apenas em uma academia ou em treinamentos exaustivos, KUNG-FU É PARA A VIDA, PARA O DIA A DIA.

Celso Caldeira Sant'anna Filho (praticante, Shaolin do Norte em Recife-PE).

Confesso que fiquei espantado com a congruência de pensamento entre minha opinião acerca deste problema, de utilização de técnicas mais avançadas nos combates e a aparente brutalidade da modalidade atualmente praticada em campeonatos, o Sanshou, que apesar de limitar bastante as possibilidades de combate e utilização de muitas das técnicas encontradas nos Katis, não deixa de possuir uma série de benefícios, muitos deles citados no comentário anterior. A questão não é desmerecer o Sanshou, e sim encontrar novas formas de praticar o combate dentro da pluralidade de técnicas providas pela arte do Kung-Fu Shaolin, pois, sabendo que o combate total é o objetivo de muitos praticantes, é razoável que este continue existindo; agora, se este modelo atual é ou não bom (particularmente, eu acho mais “judô” do que outra coisa, pois, quem derrubar mais, ganha. Um soco vale menos que uma queda ou saída da área de competição), é outro assunto, e deve ficar a cargo dos órgãos responsáveis.

Voltando à questão do combate inicialmente chamado de “efetivo”, há de se convir que este termo, ao meu entender foi posto no sentido de sua utilização, não necessariamente do resultado, pois eu espero que ninguém que esteja lendo este comentário pense em usar técnicas que incapacitam para de fato machucar os colegas de treino, ou companheiros de arte, num campeonato, e sim ganhar a confiança que adquirimos ao longo do tempo de praticar socos e chutes em combinado com os outros alunos da academia, ou seja, sentir que se pode usar algum ataque mais “efetivo”, com a devida confiança.

Pelo menos é assim que eu vejo essa questão sobre a prática em combate de técnicas que podem causar maiores danos ao corpo humano, e como solução, também apoio o semicontato, ou como chamamos aqui “ludem bem leve”. Sem mais, e aberto a diálogo a respeito do tema aqui comentado, celso_caldeira@yahoo.com.br